



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16646 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

LIVRO ILUSTRADO: ENCONTROS COM INFÂNCIA E ARTE CONTEMPORÂNEA

Luísa Guazzelli Sirangelo - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

LIVRO ILUSTRADO: ENCONTROS COM INFÂNCIA E ARTE CONTEMPORÂNEA

RESUMO: Este trabalho deriva de uma dissertação de mestrado, ainda em andamento, com enfoque nos cruzamentos possíveis entre os conceitos de ilustração literária, de infância e de arte contemporânea. Que relações podem ser feitas entre a criança e a arte contemporânea? E ilustração e arte contemporânea? Estes pontos de encontro serão o foco do trabalho, que se desenvolve principalmente através de uma discussão teórica, que pretende dialogar com diferentes autores do campos das artes (Loponte, 2008; Oliveira, 2009), da pedagogia das infâncias (Cunha, 2022) e da literatura infantil (Lins, 2009). Pontuam-se aqui algumas similaridades destes três conceitos, como a quebra de paradigmas, a imprevisibilidade e a experimentação temática e de materialidades.

PALAVRAS-CHAVE: Arte contemporânea. Infância. Livro ilustrado.

Seria possível, de alguma forma, perceber a relação entre os livros ilustrados, a arte contemporânea e a infância? Os livros ilustrados, objetos geralmente relacionados às crianças, são, de certa forma, um grande encontro entre diferentes linguagens e formas de expressão: literatura, poesia, pintura, desenho, colagem. Nesse sentido é possível perceber um encontro

entre o livro ilustrado e a arte contemporânea, que de maneira similar, abre leques para diferentes experimentações e movimentações dentro das artes. O que seria o livro ilustrado, senão uma obra de arte que, no lugar de telas e molduras, utiliza páginas, capas e contracapas? E seria, talvez, essa noção de experimentação nos livros ilustrados, o fator que mais atrai as crianças a eles? Serão discutidos aqui alguns autores dos campos das artes (Loponte, 2008; Oliveira, 2009), da pedagogia das infâncias (Cunha, 2022) e da literatura infantil (Lins, 2009), que pesquisam fenômenos relacionados a estes três conceitos.

Quando falamos de literatura infantil na modernidade, frequentemente pensamos nas ilustrações, imagens feitas por artistas, que acompanham as histórias escritas para o público infantil. Para o público infantil, esse tipo de dinâmica permite uma experiência mais lúdica de leitura, transformando o livro em uma brincadeira, ou jogo a ser desvendado. O esforço de relacionar o texto verbal com o visual torna o leitor ativo na própria leitura, ao invés de apenas um espectador passivo apreciando uma obra a distância.

“Mas e o irreal, o imensurável, o sentimento e a emoção? Como representar aquilo que não vemos com os olhos, mas com o coração, e que passa a fazer parte de nossa memória afetiva?”(Lins, Guto. 2009, p.47) Lins escreve, se referindo à subjetividade da ilustração, mas poderia facilmente estar se referindo à arte contemporânea. Apesar da figuração tornar a interpretação da narrativa mais fácil e acessível (Fittipaldi, 2008), a forma mais abstrata ou sugestiva abre mais espaço para o pensamento de elaborar, fabular e fantasiar. A ilustração, em especial a ilustração voltada para o público infantil, não segue as mesmas regras da pintura tradicional, muito menos espera ser tratada da mesma forma que as obras expostas em museus ou vendidas em galerias por preços exorbitantes e acessíveis para poucos. Oliveira (2009) destaca a importância da sugestão na ilustração, necessária para que o leitor seja um ser realmente ativo no processo de leitura da imagem. Caso a ilustração siga um padrão hiper-realista, uma representação totalmente fiel do texto, o espaço para a imaginação da criança será limitado e a experiência de leitura será tediosa. O que está nas sombras, ou apenas sugerido, é muito mais legível do que as formas sob a luz da precisão cirúrgica (2009, p.10).

As sombras são muito mais reveladoras que as luzes. O que está indefinido na penumbra, o que não foi ilustrado, mas sugerido, esta imagem que se origina em nossa mente, em nosso passado, em nossa expectativa e ansiedade de ver, sem dúvida, esta é a imagem que possui maior poder de pregnância no imaginário do pequeno e mesmo do leitor adulto.(Oliveira, Rui de. 2009, p.17)

Essa quebra de paradigmas não é vista somente na arte contemporânea e na ilustração, mas também na criança. Tanto a criança quanto a arte (nesse ponto de maneira geral, não se tratando de uma característica exclusiva da arte contemporânea) possuem um desafio de se

fazer compreendidas em meio ao mundo.

É isso: de algum modo, de alguma forma, a arte diz, pinta, canta, dança, imagina, fantasia o que dizem as crianças. Ou melhor, poderíamos dizer que o modo com o qual a arte diz coisas sobre a vida e o mundo tem a ver com o modo com o qual as crianças dizem, com que interpretam esse mesmo mundo. Talvez seja por isso que não entendemos, na maioria das vezes, o que a arte diz? Ou, tampouco, o que a criança diz? (LOPONTE, 2008, p.112).

A arte contemporânea, especialmente, eleva esse desafio a um nível maior ainda: questiona tudo aquilo que conhecemos como arte. A lógica das pinturas renascentistas, que se escoram em uma representação figurativa, realista e literal das coisas, é descartada. Substituída por uma linguagem que contesta moldes, tradições, materiais e temáticas. Os quadros não precisam mais ser dispostos de tal maneira, as obras não precisam mais ser apreciadas de uma só forma, os objetos e corpos não precisam mais ser representados de um único jeito. “A arte chamada contemporânea coloca em dúvida todas as nossas pretensas certezas sobre o que é (ou que deveria ser) arte” (Loponte, 2008, p.113). Para Cunha (2022), o que caracteriza a Arte Contemporânea é justamente a postura exploratória assumida pelos artistas. É o rompimento com os paradigmas da arte e seus padrões estéticos, além do foco no processo criativo e no questionamento político, que torna uma obra de arte ou um artista contemporâneo. De maneira similar, a infância constantemente desafia padrões e percepções familiares para nós, enquanto os adultos, tanto no contexto familiar quanto na escola, tentam podar, ensinar, direcionar e controlar as crianças. A potência criadora, presente na criança e na arte, é sufocada, contida, para que se predomine a obediência e o respeito com as regras e convenções que conhecemos. Loponte (2008, p.116) discute ainda o conceito de infância como acontecimento, um acontecimento de criação, invenção, descontinuidade e subversão. Essa capacidade intrínseca de invenção e subversão (duas características que imediatamente nos remetem a noção da arte contemporânea) são também opostas ao discurso de controle que permeia os discursos tradicionais e conservadores acerca da infância e da arte.

Cunha (2022), também discute como as conexões entre a arte contemporânea e a infância são traçadas, dentre elas a materialidade. Cunha e Souza (2022) comentam do hábito muito comum da arte contemporânea de recriar diferentes significados para objetos corriqueiros do cotidiano, de maneira similar a qual a criança elabora mundos e personagens a partir de brinquedos e objetos comuns de sua casa ou escola. Quando não há brinquedos à volta, uma criança é capaz de tornar qualquer coisa uma brincadeira. Um garfo e uma faca, na ausência de bonecos, podem se tornar cavaleiros e princesas. No sentido da prática artística, uma criatividade similar também acontece, qualquer material pode virar arte: papéis reciclados, pigmentos naturais, plantas e até mesmo cabeças de boneca.

Assim, a experimentação e a imprevisibilidade são intrínsecas, não somente na arte contemporânea, mas também na criança e no livro ilustrado. “Rupturas de espaço e tempo, questionamento de verdades, desequilíbrio, o novo, o inesperado. A arte contemporânea é feita da irrupção de acontecimentos.” (Loponte, 2008, p.116.) Da mesma forma com que a obra de arte contemporânea pula das molduras e se encontra em diferentes formatos inusitados, ela pode, até mesmo, aparecer em forma de livro infantil.

REFERÊNCIAS

VENEZA, Maurício. **Depoimentos**. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.

LINS, Guto. **Fundamentos e técnicas da arte de ilustrar**. In: A arte de ilustrar livros para crianças e jovens, 2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012187.pdf>

FITTIPALDI, Ciça. **O que é uma imagem narrativa?**. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.

OLIVEIRA, Rui de. **Apresentação**. In: A arte de ilustrar livros para crianças e jovens, 2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012187.pdf>

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Arte contemporânea, inquietudes e formação estética para a docência**. EDUCAÇÃO E FILOSOFIA (UFU-IMPRESSO), v. 28, p. 643-658, 2014.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação**. Revista Brasileira de Educação, v. 13, p. 112-122, 2008.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Desafios da arte contemporânea para a educação: práticas e políticas**. Archivos Analíticos de Políticas Educativas / Education Policy Analysis Archives, v. 20, p. 1-19, 2012.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **Uma arte do nosso tempo para as crianças de hoje**. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Arte Contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, descobrindo e criando. 2ª edição, Porto Alegre: Zuko, 2022.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da; SOUZA, Lidianne Cristina Loiola. **Materiais e materialidades; qual o lugar deles na educação infantil?** In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Arte Contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, descobrindo e criando. 2ª edição, Porto Alegre: Zuko, 2022.